

7. Considerações finais

Chego ao fim de um processo de pesquisa sobre a socialização profissional de professores que procurou flagrar alguns elementos relevantes e influentes da iniciação profissional de professores de História em contextos históricos específicos. O fim deste processo, no entanto, não representa o esgotamento das questões abordadas no estudo. Procuo, neste momento, refletir sobre algumas questões trabalhadas e, talvez, ir de encontro a novos questionamentos, que estarão à espera de novas formulações.

Na realização da pesquisa, foi necessário ter clareza do desafio que é enfrentar o tema da profissão. Percorrendo trabalhos que procuraram analisar a questão da profissão nas últimas décadas, percebi a dificuldade de formalizar uma definição geral do que seja ser profissional. No caso dos professores, ficam evidentes a inadequação do modelo das profissões liberais e a controvérsia em torno da proletarização. Como nos lembra Nóvoa, a profissão docente é de um tipo particular, “funcionarizada”, com um percurso histórico particular e sempre mediada pela intencionalidade política - estatal e de seus membros. Assim, não busquei desenhar um perfil do professor de História de cada geração focalizada. Tentei iluminar alguns aspectos dos processos de socialização profissional dos atores pesquisados, buscando trazer à tona suas percepções sobre suas atividades como professores de História e alguns elementos dos caminhos que percorreram nas suas iniciações profissionais.

Os professores entrevistados elencaram influências do contexto da década de 1970 em suas iniciações profissionais. Os efeitos do autoritarismo estatal em seus trabalhos se fizeram sentir de variadas maneiras: nas transformações por que passou o ensino de História, no clima “policialesco” das relações sociais, na limitação das tarefas de

pensar e sugerir propostas pedagógicas. Estes professores ainda vivenciaram os processos de expansão da oferta escolar e da indústria cultural, colocando novos problemas para o ensino nas escolas públicas.

A geração atual de professores experimenta um “afrouxamento das relações autoritárias” dentro da escola e fora dela. Os professores entrevistados narram sua inserção em um contexto de reflexão sobre a diversidade cultural e sobre propostas de ensino de História sintonizadas com as múltiplas demandas sociais e educacionais. Ao mesmo tempo, trabalham em condições inapropriadas, com salários precários, que os forcem a enfrentar uma rotina acelerada de trabalho.

Em relação à escolha profissional, observamos ser recorrente a influência marcante de professores da Educação Básica na decisão dos professores entrevistados de seguirem o rumo do magistério. Além disso, a área da História transmitia para os entrevistados, através do estudo das sociedades no tempo, um apelo à ação pelo social. Quando comentaram a formação que receberam, ficou evidente a influência do marxismo nos estudos das duas gerações, embora com especial ênfase na geração de 1970. Já a geração atual, observa a excessiva especialização de seus estudos em nível universitário, possibilitando em sua visão um domínio bastante acurado de metodologias de pesquisa e mergulhos em temas de maior interesse de cada um. Mas, por outro lado, estes professores relataram uma maior fragilidade na sistematização do conhecimento histórico acumulado.

A formação pedagógica foi objeto de muitos comentários críticos. Os professores, a partir de visões retrospectivas de suas experiências na Licenciatura, observaram a necessidade de articular, de maneira mais “orgânica”, a formação no conteúdo específico e no pedagógico. Ressentiram-se, muitas vezes de não terem freqüentado espaços de intercâmbio de experiências com professores experientes e estabelecidos e de não terem se integrado ao cotidiano de uma escola (não se restringindo ao espaço da sala de aula, mas englobando as diversas atividades características da escola, tais como conselhos de classe, reuniões pedagógicas e de planejamento, eventos especiais entre outras)

Evidenciaram-se alguns impasses específicos da iniciação profissional do professor. Os professores entrevistados relataram o difícil trabalho com a noção de tempo histórico, enfatizaram a importância das diversas relações travadas no estabelecimento escolar como fator de socialização profissional, mostraram o grande investimento na preparação das aulas, na busca de leituras complementares e na procura de interlocutores, sobretudo nos anos iniciais do magistério.

O sentido interativo do trabalho docente ficou bastante evidente, na medida em que os professores entrevistados consideram os anos iniciais no magistério, a experiência concreta de sala de aula, intensamente marcantes na constituição de suas personalidades profissionais. As relações estabelecidas com os alunos, com a estrutura escolar e com os programas curriculares são vivenciadas de maneiras diversas, articulando-se experiências pré-profissionais, esquemas teórico-metodológicos adquiridos no período de formação inicial ou pré-serviço e injunções de cada realidade encontrada.

É difícil falar em professor de História sem considerar sua especialidade disciplinar. Este fator transpareceu em algumas falas em que os professores retrataram dificuldades específicas do ensino de História, a exemplo do trabalho com a noção de tempo histórico.

O professor que lida com o conhecimento produzido sobre o movimento histórico das sociedades tem uma visão especial da dinâmica social. Visão que não é exclusiva, nem mais “verdadeira” do que as outras representações da História, mas que é, pelo menos, mais metodicamente refletida e referenciada, com argumentações diferenciadas e certa preocupação com a plausibilidade. Mesmo assim, é muito difícil dizer que há o profissional de História. Laville (1999) já mencionou que o ensino de História está no meio de uma “guerra de narrativas”. A História pesquisada e ensinada, assim com a educação em geral, tem forte conexão com as questões sociais e com os objetivos nacionais de cada momento. O ensino, seus “profissionais”, seu público e o governo oficial estão numa arena de luta por legitimidade. Há conflitos, resistências, manipulações, esquivas, lutas, sombras, “páginas brancas”, representações, ideologias, linguagens, percepções, olhares, palavras,

gestos, comportamentos, valores, ética, comunicação, sentimentos, questionamentos, pesquisas, transgressões... Não é possível enquadrar esse movimento, que é a própria dinâmica social.

Os professores entrevistados expressam o desejo de serem reconhecidos como profissionais, no sentido de terem seus esforços de formação reconhecidos, receberem salários dignos, terem autonomia no trabalho, participarem de decisões sobre o ensino, obterem boas condições de trabalho e terem melhor delimitado seu espaço de atuação, freqüentemente “invadido” por atribuições tradicionalmente familiares.

Seguindo a idéia de Nóvoa sobre a criação de discurso próprio dos membros da profissão docente como um caminho da profissionalização, o que percebo a partir das falas dos professores de História é que o caminho para o reconhecimento da sua especificidade, em termos de participação dos docentes nos projetos de construção do ensino está bem mais avançado do que há trinta anos atrás. Os professores denunciam as condições de trabalho, declaram suas dificuldades, estão no processo de democratização (não mais do acesso à escola) das decisões a serem tomadas no ambiente escolar. O público da escola se ampliou e se diversificou significativamente e este fato implicou em apropriações, conflitos e comportamentos ainda mais diversificados no interior da instituição escolar.

Os professores entrevistados experimentam, atualmente, um “afrouxamento das relações autoritárias” dentro da escola. A ética de trabalho se direciona para a ampla participação de toda a comunidade escolar no sentido de serem agentes reflexivos da História. O enquadramento de valores não serviria ao magistério, em que predomina a variedade de posturas políticas, a diversidade de experiências pessoais - tão importantes à constituição do professor -, a pluralidade de desejos e expectativas em relação aos projetos de sociedade. Tardif e Lessard (2005) mencionaram o campo desconhecido das atitudes éticas ante os alunos, ante os saberes e ante a aprendizagem e afirmaram que as dimensões emocionais, informais e éticas são constitutivas do trabalho docente, um trabalho fundamentalmente interativo.